



Contemporânea

Contemporary Journal

3(8): 10117-10142, 2023

ISSN: 2447-0961

Artigo

A PESQUISA EM DEFESA DA SOCIOLOGIA ESCOLAR

THE RESEARCH IN DEFENSE OF SCHOOL SOCIOLOGY

DOI: 10.56083/RCV3N8-011

Recebimento do original: 30/06/2023

Aceitação para publicação: 31/07/2023

Daniel Gustavo Mocelin

Doutor em Sociologia

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Endereço: Av. Bento Gonçalves, 9.500, Prédio 43, Agronomia, Porto Alegre – RS, CEP: 91509-900

E-mail: danielmocelin@gmail.com

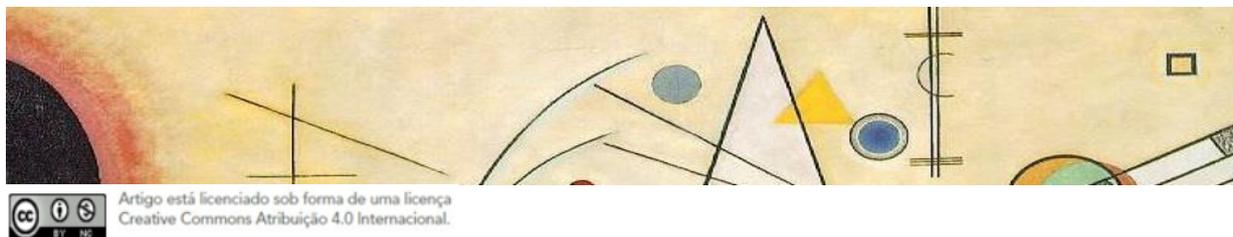
RESUMO: A pesquisa sobre o ensino das Ciências Sociais na educação básica permite delinear o “campo da Sociologia escolar”, mais do que duvidar da sua constituição como espaço profissional consolidado. Ancorado na teoria de campos, o estudo propõe uma agenda de pesquisa sobre aspectos que caracterizam a Sociologia escolar como campo capaz de garantir fundamentos à identidade docente e às práticas pedagógicas desse espaço profissional. O argumento sustenta que a Sociologia escolar atingiu maturidade e resiliência para superar mudanças educacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Campo da Sociologia Escolar, Sociologia no Ensino Médio, Formação Docente, Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT: The research about the teaching of Social Sciences in basic education allows delineating the “field of school sociology”, rather than doubting its constitution as a consolidated professional space. Anchored in field theory, the study proposes a research agenda about aspects that characterizing school sociology as an field capable of guaranteeing foundations for the teaching identity and pedagogical practices of this professional space. The argument sustains that school sociology has reached maturity to overcome educational changes.

KEYWORDS: Field of School Sociology, Sociology in High School, Teacher Training, Pedagogical Practices.

10117

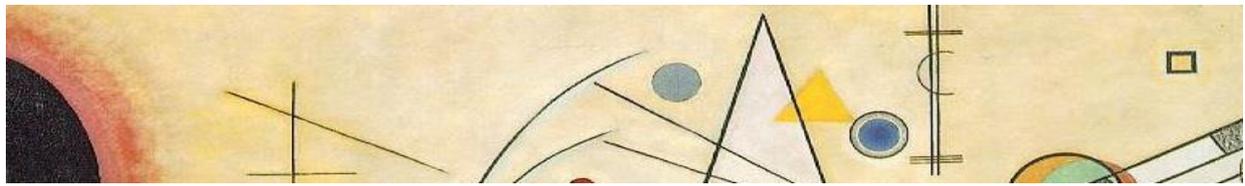


1. Introdução

Quinze anos após a Sociologia compor o currículo do ensino médio, mudanças na configuração dessa etapa da educação básica impõem novos desafios a um campo fadado a lutar pelo reconhecimento de sua contribuição à escolarização. Por mais de uma década, profissionais e estudantes da área de Ciências Sociais, entidades científicas e sindicatos de sociólogos (MORAES, 2011; PEREIRA, 2015), moveram uma campanha pelo ensino de Sociologia, para que, em 2 de junho de 2008, fosse sancionada a Lei nº 11.684, que tornou obrigatória a disciplina de Sociologia, nos três anos do ensino médio. A importância da Sociologia na escola era justificada em torno dos preceitos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/1996) e com base na contribuição que o conhecimento sociológico poderia oferecer aos estudantes, mesmo para quem não pretendesse ser sociólogo (MOCELIN; RAIZER, 2014).

Em sintonia com as demandas educacionais da época, aquele movimento carregavam intenções como superar a formação técnica, para adentrar uma educação humanista e cidadã (COSTA, 1997); permitir uma visão mais acurada da realidade em que o aluno está inserido (SARANDY, 2001); sensibilizar o olhar para situações de opressão, preconceito e injustiça (MOTA, 2005); promover o exercício da pesquisa social na escola e desenvolver habilidades como o estranhamento e a desnaturalização (BRASIL, 2006; MORAES; GUIMARÃES, 2010).

Atualmente em implantação, a reforma do ensino médio – Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, adentrou a realidade escolar de forma avassaladora, alterando a composição curricular e trazendo impactos sobre



a formação de professores. Essa situação vem exigindo adequação das áreas de ensino, que perderam caráter disciplinar, sendo substituídas por itinerários formativos e percursos profissionalizantes. No caso da Sociologia, essa conjuntura causou aflição entre professores e licenciandos empenhados na aplicação didática das Ciências Sociais, devido, sobretudo, a revogação da Lei nº 11.684 e a presença recente da disciplina no currículo. Porém, o que nem sempre tem se levado em consideração, para amenizar os anseios e adentrar mudanças inexoráveis, é o caminho percorrido e o grau de profissionalização alcançado durante quinze anos de organização, produtividade e institucionalização.

Com a obrigatoriedade, a Sociologia passou a fazer parte das políticas educacionais de formação docente, de distribuição de material didático e de formulação de diretrizes curriculares fundamentais (SILVA, 2010). Ela ocupou espaço no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD); no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/Capes) e na Residência Pedagógica (RP/Capes). Houve ainda aumento no número de cursos de Licenciatura em Ciências Sociais; consolidação de associações profissionais; realização regular de eventos específicos.

A inclusão da Sociologia no currículo também desencadeou uma efervescência de produções científicas sobre a temática (BODART; SOUZA, 2017; BODART, 2020; HANDFAS, 2020). Mesmo que tenha se concentrado inicialmente em pesquisas sobre a história da disciplina no ensino médio (MORAES, 2011; PEREIRA, 2015) e o papel do marco legal para o seu retorno ao currículo (FEIJÓ, 2012), essa produção foi ganhando fôlego e avançou em quantidade e qualidade.

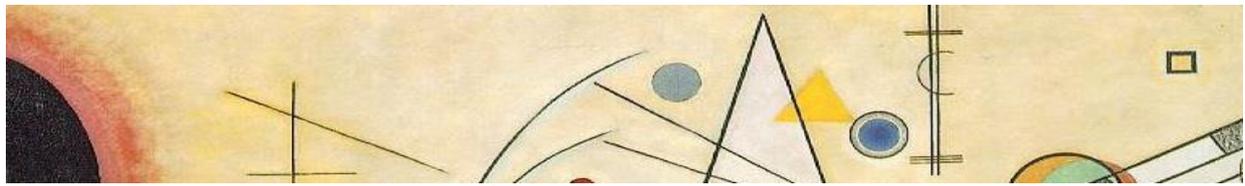
Para dar conta dos desdobramentos da presença da Sociologia no currículo, estudos abordaram questões como os sentidos atribuídos à Sociologia na escola (OLIVEIRA, 2013; PARMIGIANI; DOMBROWSKI, 2013); a função das diretrizes curriculares (MORAES; GUIMARÃES, 2010; MOCELIN,



2020a); a expansão de cursos de licenciatura (GUIMARÃES, 2015; MARTINS, 2017) e pós-graduação (MOCELIN *et al.*, 2017; ZARIAS *et al.*, 2017); as práticas pedagógicas aplicadas em aula (SILVA, 2010; PIMENTA, 2013; SANTOS, 2014; BODART, 2018; MEIRELLES *et al.*, 2019; BRUNETTA, 2020; MOCELIN, 2021); a formação de laboratórios e grupos de pesquisa (CARUSO, 2017; PEREIRA, 2020); a criação de eventos de ensino de Sociologia (MOCELIN; RAIZER, 2021); o perfil pedagógico e ideológico de professores e licenciandos (RAIZER; MOCELIN, 2015; BODART; SILVA, 2016; BARCELOS; MOCELIN, 2020); a natureza dos manuais e livros didáticos (CIGALES, 2014; MAÇAIRA, 2020).

Mais recentemente, estudos passaram a evidenciar os desafios em reação à reforma do ensino médio, tanto no que se refere ao papel da Sociologia no novo currículo (MENDES *et al.*, 2017; BODART; FEIJÓ, 2020), quanto na tentativa de defender a Sociologia escolar como espaço profissional institucionalizado (MOCELIN, 2019; MOCELIN, 2020a), ou seja, povoado, organizado, produtivo e funcional, e, portanto, capacitado a resistir, se mobilizar, reocupar espaços e se readequar quando necessário, expondo sua relevância curricular.

O objetivo deste artigo é propor uma agenda de pesquisa que reforce a Sociologia escolar como um campo autônomo capaz de garantir fundamentos à identidade docente e às práticas pedagógicas desse espaço profissional. Embora haja esforços de pesquisa importantes, permanecem lacunas sobre a complexidade do campo em pauta, a natureza das disputas que o produzem e a forma como os atores nele imersos agem profissionalmente. Nesse sentido, o artigo esboça uma crítica à concepção de que a Sociologia ainda seria uma área em construção quando considerada a sua vertente aplicada à escola – e, portanto, fragilizada ou ameaçada, e que necessitaria resistir às adversidades, mais do que fortalecer-se enquanto campo profissional.



Defende-se, pelo contrário, que a Sociologia escolar possui práticas definidas e estruturadas, que permitem caracterizá-la como campo profissional maduro e resiliente, ou seja, capaz de gerar uma identidade para seus participantes, independente de estar chancelado legalmente como disciplina escolar ou tutelado pelo campo acadêmico mais amplo das Ciências Sociais. Para tanto, recorre-se a argumentos de estudos exemplares para estimular a continuidade das investigações sobre as práticas pedagógicas que se desenvolveram, sustentaram e são capazes de continuar sustentando e qualificando o ensino escolar da Sociologia.

2. O Conceito de Campo da Sociologia Escolar

O campo da Sociologia escolar constitui uma comunidade profissional empenhada na produção e na promoção de uma Sociologia aplicável e ensinável na escola (MOCELIN, 2019, 2020a). Essa comunidade congrega agentes de perfis diversos, mas com interesses convergentes, isto é, que acreditam na importância do ensino de Sociologia no ensino médio e estão dispostos a praticá-lo, incluindo os Licenciados em Ciências Sociais, os professores de Sociologia das redes escolares, os estudantes dos cursos de Licenciatura na área, mas também os pesquisadores de universidades que investigam o ensino escolar da Sociologia, sua história, gênese e experiências. É possível estimar que o campo seja constituído no Brasil por cerca de 60 mil participantes, entre profissionais graduados e ainda em formação, dos quais cerca de 48 mil são professores de Sociologia em atuação nas escolas.

Hoje, a Sociologia escolar é mais qualificada e forte que no passado: envolve mais pessoas e se organiza em redes de colaboração, que conectam os interessados em desenvolver estratégias de ensino que estimulem o “raciocínio sociológico”, durante a escolarização. Esse raciocínio é fundamentado no legado epistêmico, teórico e metodológico das Ciências



Sociais, e visa proporcionar competências como autonomia intelectual, atitude investigativa e disposição à problematização.

A Sociologia escolar se diferencia da Sociologia acadêmica (embora derive dela) por ter caráter aplicado à escola. Enquanto a segunda é a prática típica voltada à pesquisa sociológica e à produção científica, a Sociologia escolar é uma prática voltada à escola e interdisciplinar, por articular os conhecimentos científicos das Ciências Sociais com as técnicas pedagógicas da Educação. Essa prática mobiliza conhecimentos de Ensino, Didática e Pedagogia para traduzir teorias, conceitos, métodos e temas de Sociologia, Antropologia e Ciência Política, na forma de saberes escolares.

A Sociologia acadêmica tem preocupações de ordem teórica e empírica e é conduzida por cientistas sociais que definem problemas sociológicos e realizam pesquisas mobilizando teorias e conceitos para o teste de hipóteses. Essa é a prática regular conduzida por pesquisadores que atuam nas universidades e que se dedicam à pesquisa social e à formação de novas gerações preparadas para seguir a carreira acadêmica.

Em sentido diverso, a Sociologia escolar tem origem na formação de professores para a educação básica; tipicamente, são os licenciados em Ciências Sociais, especialistas na transposição didática, que desenvolvem, experimentam e aplicam produtos didáticos. Embora realizem pesquisa, seu conhecimento generalista abarca largo espectro das temáticas sociológicas, mas sua especialidade não é conteudista, é pedagógica. Essa prática tem por base o cumprimento da LDBEN e das diretrizes curriculares de área na criação de processos e produtos instrucionais.

Convém destacar que o conceito “campo do ensino da Sociologia” (MOCELIN, 2020a) diferencia-se do conceito “subcampo da pesquisa sobre o ensino da Sociologia” (MOCELIN, 2020b), concepção mais recorrente na pesquisa sociológica especializada. Esse segundo conceito refere-se aos profissionais que tomam o ensino de Sociologia como objeto de pesquisa, investigando as consequências da presença da disciplina no currículo escolar



e ampliando a produção científica sobre o tema, em meio à área acadêmica das Ciências Sociais, em seus congressos, redes e linhas de pesquisa. O conceito de “campo da Sociologia escolar” parte de uma premissa teórica distinta do conceito de subcampo, pois considera, na sua formulação, os resultados da atividade educacional produzida, reproduzida e difundida para além da fronteira acadêmica, abrangendo, desta forma, um contingente mais abrangente de praticantes da pedagogia sociológica.

A pesquisa sobre Sociologia escolar reside no “subcampo de pesquisa sobre o ensino de Sociologia”, mas, sobretudo, visa fundamentar profissionalmente o ensino escolar de Sociologia. Por essa razão, uma agenda de pesquisa que anuncia novas evidências sobre o campo da Sociologia escolar, não apenas permite avanços científicos na temática, mas fortalece o sentimento comunitário desse espaço profissional.

3. A Sociologia Escolar na Perspectiva da Teoria de Campos

A pesquisa sobre o campo da Sociologia escolar abrange pelo menos três dimensões teórico-conceituais de análise. A primeira faz referência à concepção de campo e *habitus*. Campo é um conceito que delimita um microcosmo dotado de certa autonomia em relação ao espaço social mais amplo (BOURDIEU, 1983), na medida em que práticas são incorporadas e reproduzidas por meio de disposições objetivadas, regras definidas, capitais valorizados e quadros cognitivos compartilhados. Os agentes imersos em um campo incorporam uma habilidade social típica, o *habitus*, que define o repertório de ações, estratégias e decisões que orientam os atores a agir no e pelo campo (BOURDIEU, 1996). Nos estudos sobre o campo da Sociologia escolar, o conceito de campo é mobilizado para identificar a organização funcional e a reprodução das práticas da Sociologia escolar e o conceito de *habitus* é acionado para compreender as disposições dos agentes que

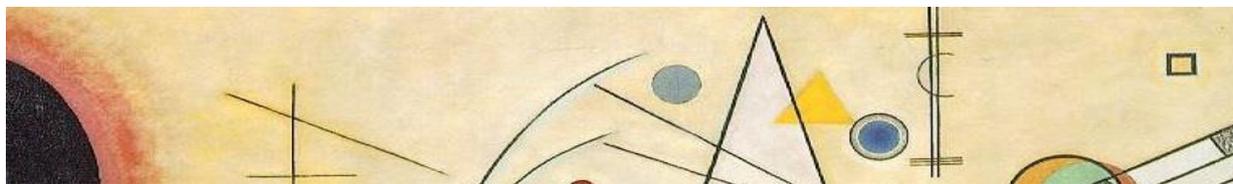


formam uma comunidade engajada em produzir e ensinar a pedagogia sociológica.

A segunda dimensão refere-se à análise da conduta estratégica (GIDDENS, 2003) de atores hábeis (FLIGSTEIN, 2007), que reconhece que os atores não agem sem interpretar o contexto em que atuam. O conceito de habilidade social presume que eles induzem a cooperação de outros para produzir seus mundos sociais e o seu desempenho conserva ou renova os sistemas de significados de um campo (FLIGSTEIN, 2007). As práticas sociais refletem o conhecimento que os atores possuem delas e, pela *reflexividade*, eles as reexaminam, a partir de novas informações. Neste sentido, os atores conhecem as circunstâncias da sua ação e se empenham na reprodução da ação (GIDDENS, 2003).

Essa dimensão aciona conceitos úteis para interpretar as interações no campo da Sociologia escolar, especialmente em torno de visões sobre a finalidade curricular das Ciências Sociais. A aplicação didática pode variar segundo a formação dos professores e as relações recíprocas com agentes do subcampo de pesquisa. Todos contribuem para o campo, independente de estarem empenhados na sua carreira, prescrevendo uma metodologia didática inovadora, negociando um novo arranjo curricular ou impondo um paradigma de ensino. A regularidade dessas práticas exige um contexto profícuo de ação, e isso requer que outros sejam induzidos a cooperar.

A terceira dimensão refere-se à imersão da conduta estratégica em redes de relações sociais (GRANOVETTER, 2007), quando se reconhece que os atores, além de atuarem, agirem e interagirem, também se engajam em contextos onde transmitem e trocam ideias, experiências e intenções. A participação em redes oferece recursos e proporciona a ação estratégica. Neste sentido, aderir ao campo da Sociologia escolar, para atuar no mesmo, exige algum sacrifício, relacionado à incorporação do *habitus*, mas agir no campo envolve interagir estrategicamente junto a outros para transitar por onde circulam as informações privilegiadas.



conceitos para tratar as informações que estão ao alcance dos estudantes (MORAES; GUIMARÃES, 2010).

A gênese desse processo pedagógico está presente há décadas no discurso de sociólogos brasileiros. Entre 1940 e 1950, anunciavam que a Sociologia podia cumprir papel relevante nas reformas educacionais e no progresso do país, destacando a importância do conhecimento científico para a modernização e a democratização da sociedade brasileira. Antonio Cândido entendia que além de *“munir o estudante de instrumentos de análise objetiva da realidade social”*, o escopo do ensino de Sociologia era de *“sugerir-lhe pontos de vista mediante os quais possa compreender seu tempo, e normas com que poderá construir a sua atividade na vida social”* (CÂNDIDO, 1949, p. 279). Para Luís Costa Pinto, a Sociologia suscita atitudes mentais que dão ao aluno uma visão não estática nem dramática da vida social, *“estimulando-lhe o espírito crítico e a vigilância intelectual que são social e psicologicamente úteis, desejáveis e recomendáveis”* (COSTA PINTO, 1949, p. 307). Florestan Fernandes justificou o ensino de Ciências Sociais como um fator consciente de progresso social e útil em qualquer setor para *“preparar as gerações novas para manipular técnicas racionais de tratamento dos problemas econômicos, políticos, administrativos e sociais”* (FERNANDES, 1954, p. 105).

Na década de 1980, Octavio Ianni destacou que a função do ensino da Sociologia é *“revelar e desenvolver dados, informações ou noções que os estudantes trazem para a sala de aula e acrescentar novas informações e interpretações, tendo em vista desenvolver uma compreensão nova, original, científica e viva daqueles fatos”* (IANNI, 2011, p. 329-330). Esse argumento converge com a concepção de Bourdieu et al. (2004), para quem a Sociologia promove o “desencantamento” e “quebra o charme” das rotinas dotadas de sacralidade. A Sociologia promete aos indivíduos *“usar a informação e a razão a fim de compreender, com lucidez, o que está acontecendo no mundo e dentro deles mesmos”* (MILLS, 1969, p.11), porque *“quanto mais sabemos*

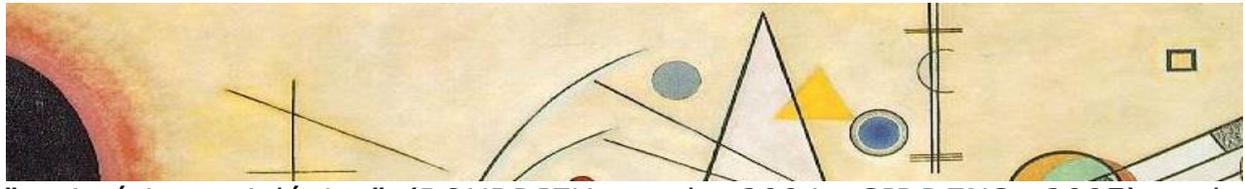


por que agimos como agimos (...), provavelmente seremos mais capazes de influenciar nossos próprios futuros” (GIDDENS, 2005, p.27). É justamente por ser um ponto de vista disciplinador, que a ótica sociológica proporciona autonomia.

A pedagogia sociológica ocorre quando os educandos aprendem “hábitos intelectuais típicos das Ciências Sociais” (LAHIRE, 2010) e se tornam capazes de imaginar sociologicamente (MILLS, 1969), a partir das informações que eles trazem, recebem, buscam, organizam, classificam, interpretam, comparam e relacionam (MOCELIN, 2020a). Desse processo pedagógico dinâmico surge uma “Sociologia viva” (MOCELIN, 2021), que empresta à escolarização básica as tecnologias das Ciências Sociais, habilitando os sujeitos do aprendizado a interpretar e atuarem sobre o seu meio social. Dotados desse espírito particular, adquirem habilidades analíticas que melhoram seu desempenho na esfera pública e no mercado de trabalho, contribuindo com a economia, a democracia e a cidadania; desconstruindo machismo, racismo, negacionismo e fundamentalismo.

A gramática de um campo é um ponto de referência. Contudo, ela implica em disputas, e isso não é diferente no campo da Sociologia escolar. Esse campo pode parecer que se produza enquanto marcado por dissensos, mas talvez essa seja sua marca fortalecedora, tendo em vista a natureza multiparadigmática das Ciências Sociais, que acomoda amplo espectro de interpretações alternativas acerca da realidade social. Não se pode negar que tal condição comum ao campo acadêmico se manifeste também durante o processo de transposição didática, e o provoque.

Existem impasses sobre o que se pensa na Universidade sobre o ensino da Sociologia e aquilo que efetivamente se pratica nas escolas. Por outro lado, e mais importante, é própria prática da Sociologia escolar e quem a ensina. Os entusiastas da área pregam que os licenciados em Ciências Sociais podem melhor ensinar competências e habilidades para dar sustentação ao exercício da “imaginação sociológica” (MILLS, 1969), do



“raciocínio sociológico” (BOURDIEU et al., 2004; GIDDENS, 2005) e da “alfabetização sociológica” (PARMIGIANI; DOMBROWSKI, 2013).

5. A prática de Ensino da Sociologia Escolar

A correspondência entre a disciplina ministrada e a formação ainda é um dos problemas a serem enfrentados pelas políticas de qualificação do ensino médio. Entre os doze componentes curriculares, a Sociologia é o que apresenta maior incidência de professores sem habilitação específica. Em 2013, 88% dos professores de Sociologia não tinham formação em Ciências Sociais no país; apenas 13% dedicavam-se exclusivamente à disciplina e 88% também lecionavam outras disciplinas (DEED, 2015). Contudo, entre 2013 e 2021, a proporção de professores com formação na área aumentou de 11,8% para 40,7% (BRASIL, 2022a), crescimento de 244,9% no período, mas há discrepâncias regionais. No caso do Rio Grande do Sul, em 2021, apenas 16,5% são Licenciados na área (BRASIL, 2022b). Essa situação tem perturbado especialistas, e foi estudada em diferentes contextos, tendo em vista a qualidade do ensino de Sociologia.

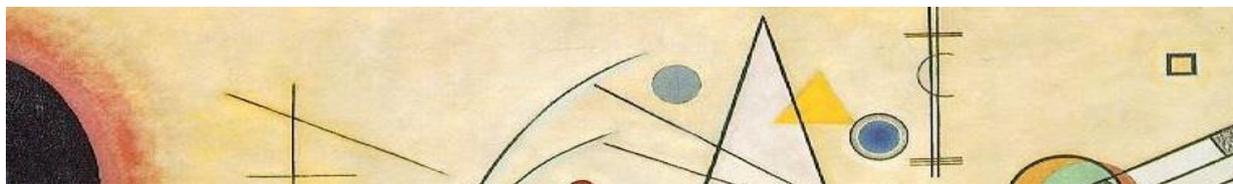
Estudo realizado em escolas de Porto Alegre por Pereira e Amaral (2010), demonstrou que os professores de Sociologia sem formação específica apresentavam dificuldade para justificar a importância curricular da disciplina, sendo reticentes e vagos sobre a finalidade do seu ensino; os formados na área possuíam conhecimento de autores e conceitos, mas desconheciam a aplicação pedagógica. Segundo Guimarães (2015), o domínio de teorias e conceitos não garante uma prática pedagógica madura da Sociologia. No mesmo sentido, o estudo realizado por Bodart (2018) em Alagoas, identificou que a habilidade didática é maior entre os licenciados na área e menor entre os que não são formados na área, bem como entre aqueles com bacharelado em Ciências Sociais.



As experiências de ensino de Sociologia são concebidas sob um terreno epistemológico tênue, que pode flertar com o legado científico da área ou com o pensamento social mais espontâneo. Estudos têm apontado que essas experiências são determinadas pelo caminho que os professores tomam nesse terreno durante a sua trajetória, sofrendo influência do tipo de formação que tiveram e da concepção de Sociologia que possuem.

Moraes (2014) aponta que a prática de ensino de Sociologia pode ser mais “ideologicamente engajada” ou uma tentativa de se aproximar de uma “neutralidade impossível”. A primeira esboça um ensino de Sociologia conscientizador e mobilizador, cuja limitação seria reproduzir um discurso político-ideológico. A segunda é uma espécie de alfabetização científica, baseada no exame sociológico de temas cotidianos, cuja maior limitação seria cair no cientificismo. Segundo o autor, a concepção pedagógica vai além das convicções pessoais, sendo norteadada pela responsabilidade do professor como formador de cidadãos autônomos.

Santos (2014) identificou três concepções de ensino de Sociologia na escola. A cientificista é centrada no professor e com aulas ditadas. A espontaneísta é centrada no aluno e recorre a debates de temas próximos do senso comum. A globalizante é centrada na relação professor-aluno, tendo projetos de pesquisa como princípio formativo. Meirelles et al. (2019) identificaram dois padrões pedagógicos nas aulas de Sociologia, um recorrente entre os “neófitos no ofício”, recém-formados na área, que se pautam na crença de que os alunos devem se apropriar do conhecimento das Ciências Sociais; e outro que expressa um “fetichismo” pelo “bate-papo” sobre as pautas discentes nas aulas de Sociologia, comum entre professores há mais tempo na profissão e sem formação específica. Moraes (2014) destaca a influência da orientação ideológica sobre a prática de ensino, enquanto as pesquisas de Santos (2014) e Meirelles et al. (2019) revelam a influência da metodologia de ensino.



Raizer e Mocelin (2015) realizaram um estudo com 154 professores da disciplina no Rio Grande do Sul e observaram que os licenciados em Ciências Sociais aplicam uma “Sociologia pragmática”, onde a finalidade da disciplina é formar cidadãos reflexivos, desenvolver a compreensão sobre questões de ordem pública e promover a cidadania, a democracia e o respeito às diferenças socioculturais. Por outro lado, os professores não licenciados na área tendem a operar uma “Sociologia emancipatória”, tendo por finalidade provocar uma postura contestadora, revelar processos de opressão e dominação e estimular o engajamento do aluno em questões de ordem política, visão que extrapola a escolarização.

Em estudo recente, Mocelin (2021) evidenciou três tipos de currículo praticado por professores da disciplina de Sociologia em Porto Alegre. O “currículo pragmático” visa o ensino de hábitos intelectuais, mobiliza a conexão entre teorias e temas e aciona a pesquisa na escola como prática para evitar o tratamento superficial de problemas sociais, sendo o mais aplicado por licenciados em Ciências Sociais. O “currículo enciclopédico” ensina conceitos fundamentais da área e contextualiza teorias sociais e a biografia de autores para atender a demanda de processos seletivos como o ENEM, sendo aplicado por professores com e sem formação na área. O “currículo espontaneísta” se baseia em rodas de conversa baseadas em opiniões sobre problemas sociais, sem maior tratamento sociológico, sendo o menos aplicado por licenciados na área e o mais aplicado por professores sem formação específica. A pesquisa constatou que quanto maior o domínio das diretrizes curriculares da área pelos professores, independente da sua formação, mais perspicaz é sua visão sobre a finalidade educacional da Sociologia e mais eles são capazes de acessar e operar recursos didáticos, tanto que poucos desses concebem as aulas como um espaço para contar a história do conhecimento sociológico ou como uma sessão para ouvir as opiniões e as pautas discentes.



circunscreve-se ao período mais recente, quando de fato foram criadas as condições objetivas e subjetivas para o seu funcionamento, mesmo que a estruturação do campo remonte a todos os períodos precedentes.

O estudo do campo da Sociologia escolar é sobre o presente e o futuro do ensino escolar de Ciências Sociais. Trata-se de uma abordagem sociológica sobre a dinâmica do meio profissional que promove o ensino escolar de Sociologia no presente, e não de uma abordagem sobre a cronologia dos fatos, as lutas e as personagens que possibilitaram a sua presença no ensino médio. Essa abordagem busca apreender uma síntese maior que as partes constitutivas de tudo o que impulsionou o ensino da Sociologia. É sobre um enredo para a formação docente, um alicerce para a profissionalização na área. Esse enredo e esse alicerce derivam da produção e da reprodução de uma pedagogia sociológica. A perspectiva de campo estabelece o limite entre contar a história e fazer história.

A concepção conceitual de campo da Sociologia escolar procura ilustrar as fronteiras e a organicidade desse espaço profissional, mas também tem uma função que supera a aplicação de um conceito teórico a uma realidade empírica. A operacionalização do conceito visa explorar a complexidade desse espaço, mas também aponta seus protagonistas.

Alguma aproximação entre a realidade que ilustra as concepções de “campo da Sociologia escolar” e “subcampo da pesquisa sobre o ensino de Sociologia” é inevitável para pensar os capitais que animam esse campo. Lógicas distintas operam em cada um desses espaços. Contudo, existem iniciativas no campo acadêmico que estimulam a produção no campo do ensino, como a realização de oficinas, relatos de experiência, periódicos como os Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (CABECS) e livros destinados à divulgação de inovações na transposição didática. Esses aspectos expressam recursos acumuláveis e poderiam ser uma forma de capital econômico, no campo do ensino.



A formação específica do professor na área pode expressar um indicador de capital cultural. O campo é majoritariamente constituído por professores que não possuem a habilitação desejada. Porém, os licenciados na área dominam o campo. Eles acumulam “status e poder pedagógico” e têm apoio daqueles que estão sendo iniciados, que tendem a almejar a posição ocupada pelos não licenciados. Entre esses últimos, entretanto, existem aqueles com complementação pedagógica na área, inclusive pós-graduação, o que alguns licenciados na área podem não ter.

A participação em associações profissionais e a assiduidade em eventos da área de ensino são indicadores de capital social, pois envolvem prestígio e articulação com agentes-chave: pesquisadores universitários entusiastas da função pedagógica do ensino de Sociologia. Capital social é um conceito que indica o potencial relacional de indivíduos que integram redes profissionais e que as mobilizam para se posicionar em um campo. Conforme Mocelin e Raizer (2021), mais do que um espaço de divulgação sobre a produção científica e do que uma amostra de experiências exitosas, um evento de área, como o Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica (ENESEB) e os Congressos da ABECS, caracteriza um momento de *efervescência criadora* para a comunidade do campo. Participar desses eventos traz ânimo, disposição e esperança, mas também forja interações estratégicas. Essas articulações são preciosas para acessar outras modalidades de capital, produzindo pontes para publicar capítulos de livros didáticos, participar de debates e palestras.

Capital simbólico é um conceito subjetivo e, por isso, mais difícil de mensurar. A proximidade com a pedagogia vigente no campo e a crença do agente nela é um indicador promissor. O domínio dessa pedagogia é adquirido durante a inserção no campo, e quanto maior mais amplia o acesso às demais formas de capital e às oportunidades. Talvez essa crença produza a *illusio*, a vontade de jogar o jogo, que ordena a posição dos agentes no campo. A concepção pedagógica vigente, no sentido de “qual Sociologia” se



pode aplicar na escola, é o recurso simbólico que ilustra o que é reproduzido e disputado durante a produção do campo.

Em termos aplicados, um estudo sobre o campo da Sociologia escolar é um esforço que se justifica pela importância de criar um enredo – ou *narrativa* – que mapeie os caminhos por onde podem se movimentar os agentes que atuam e que almejam se profissionalizar por esse espaço. Adentrar a gênese histórica e os aspectos constitutivos do campo é o primeiro passo para se profissionalizar. Conhecer os capitais valorizados no campo, seja na formação inicial seja durante a trajetória, é um passo importante para qualificar a prática docente e obter as melhores chances.

A reforma do ensino médio trouxe novos desafios, em especial, aos agentes iniciantes no campo. Mesmo que a Sociologia venha a não se caracterizar como disciplina no novo ensino médio, seu objeto, conteúdos e temas e, por consequência, sua prática, estão inseridos no itinerário das Ciências Humanas, mantendo exigência de ensino qualificado.

A contribuição dos licenciados em Ciências Sociais à escola não é circunscrita à disciplina. É viável ocupar espaços no novo currículo com base na *expertise* da área, em disciplinas como Projeto de vida, Mundo do trabalho, Iniciação científica, Seminário integrador. Além disso, como são cientistas sociais, podem elaborar pesquisas sobre a comunidade escolar, identificando problemáticas locais relevantes para o Projeto Pedagógico. A continuidade das pesquisas sobre a Sociologia escolar proporciona balizas de sustentação para a profissionalização qualificada dos licenciados. Esse compromisso também é decisivo para caracterizar o sentido e garantir a relevância dos cursos de Licenciatura em Ciências Sociais.

7. Agenda de Pesquisa

A pesquisa acumulada sobre a Sociologia no currículo da educação básica sob diferentes aspectos – história, contexto, experiências didáticas,



finalidade pedagógica, formação de professores, mercado de trabalho, permite delinear o campo da Sociologia escolar, mais do que duvidar da sua constituição enquanto espaço profissional. É inegável que existe mais conhecimento sobre por que, o que e como ensinar Sociologia no ensino médio. A organização desse espaço de ensino escolar, mesmo que pareça uma realidade esparsa, revela uma especialidade. Caracterizar um campo envolve prescrever o magnetismo que ele exerce sobre seus agentes, revelando o que lhe concede dinamismo reprodutivo e maturidade. A ampliação do estudo sobre o campo em pauta exige incursões empíricas que avaliem o potencial pedagógico atingido e analisem o enraizamento da Sociologia no campo educacional. Com essa caracterização é possível eleger critérios de avaliação da qualidade do ensino escolar de Sociologia.

Esforços investigativos podem continuar acompanhando a trajetória da Sociologia escolar, sem desconsiderar seu legado científico-acadêmico. Conhecer o perfil (real e almejado) e a inserção profissional dos agentes do campo (professores em atuação e em formação) permite identificar o entendimento sobre a finalidade pedagógica da Sociologia e perspectivas de atuação profissional. A observação das experiências de ensino indica a forma de acesso a recursos didáticos (repertório) e como são operados (aplicação). O estudo da qualificação docente auxilia na produção de indicadores para avaliar a qualidade da formação de professores.

Pesquisas sobre percursos profissionais ajudam a mapear as redes de colaboração, analisando como os agentes do campo se engajam nas mesmas e as mantêm. Os eventos de área são uma amostra da materialização das práticas escolares, e indicaram o volume da produção didática. A forma como as redes de colaboração se alastram, e a variação dos conteúdos que nelas circulam, indica como são constituídos quadros cognitivos que guiam os agentes para atuar no e pelo campo, além de identificar as disputas e compreender como essa dinâmica estabelece um caráter particular da aplicação da Ciência Social ensinável na escola.



Referências

BARCELOS, Régis Leonardo Gusmão; MOCELIN, Daniel Gustavo. Concepções ideológicas e pedagógicas de estudantes de Licenciatura em Ciências Sociais. **CABECS**, v. 4, n. 2, p. 103-130, jul-dez, 2020.

BODART, Cristiano das Neves. Prática de ensino de Sociologia: as dificuldades dos professores alagoanos. **Mediações**, Londrina, v. 23, n. 2, p. 455-491, mai./ago., 2018.

BODART, Cristiano das Neves; FEIJÓ, Fernanda. A importância da Sociologia escolar: esclarecimentos necessários em tempo de obscurantismo. In: BODART, Cristiano N.; ROGÉRIO, Radamés M. (Orgs.). **A importância do ensino das Ciências Humanas: Sociologia, Filosofia, História e Geografia**. Maceió-AL: Editora Café com Sociologia, 2020.

BODART, Cristiano das Neves; SILVA, Roniel Sampaio. Um "raio-x" do professor de Sociologia brasileiro: condições e percepções. **Estudos de Sociologia**, Recife, v. 2, n. 22, p. 197-233, 2016.

BODART, Cristiano das Neves; SOUZA, Ewerton Diego de. Configurações do ensino de sociologia como um subcampo de pesquisa. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo-RS, v. 53, n. 3, p. 543-557, 2017.

BODART, Cristiano das Neves; TAVARES, Caio dos Santos. Quando o assunto é Sociologia escolar: estado da arte nos periódicos de estratos superiores nas áreas de Ciências Sociais, Educação e Ensino. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v.51, n.1, p. 353-396, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**. Campinas: Papiрус, 1996.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. IN: ORTIZ, R. (Org.) **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo, Ática, 1983. pp. 122-155.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL. **Censo da Educação Básica 2021**: Resumo Técnico. Brasília: INEP, 2022a.

BRASIL. **Censo da Educação Básica 2021**: Resumo Técnico do Estado do Rio Grande do Sul. Brasília: INEP, 2022b.



BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas tecnologias.** Amaury C. Moraes, Nelson D. Tomazi e Elisabeth da F. Guimarães (Coords.). Brasília-DF: MEC/SEB/DPEM, 2006.

BRUNETTA, Antonio Alberto. O ensino de Sociologia e a metodologia de ensino. In: BRUNETTA, A. A.; BODART, C. N.; CIGALES, M. P. **Dicionário do Ensino de Sociologia.** Maceió-AL: Editora Café com Sociologia, 2020.

CÂNDIDO, Antônio. Sociologia: ensino e estudo. **Sociologia: Didática e Científica**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 275-289, set. 1949.

CAREGNATO, Célia Elizabete; CORDEIRO, Victoria Carvalho. Campo Científico-Acadêmico e a Disciplina de Sociologia na Escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 39-57, jan./mar. 2014.

CARUSO, Haydée. Laboratórios de ensino de Ciências Sociais/Sociologia no Brasil: espaços de experimentação e construção de saberes docentes. IN: SILVA, Ilei Fiorelli; GONÇALVES, Danyelle Nilin (Orgs.). **A Sociologia na educação básica.** São Paulo: Annablume, 2017.

CIGALES, Marcelo Pinheiro. Dilemas da sociologia no Brasil: análise sobre os manuais escolares de Amaral Fontoura e Fernando de Azevedo. **Alabastro**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 65-78, 2014.

COSTA, Cristina. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade.** São Paulo: Moderna, 1997.

COSTA PINTO, Luís. Ensino da Sociologia nas escolas secundárias. **Sociologia: Didática e Científica**, v. 11, n. 3, p. 290-308, set. 1949.

DEED, Diretoria de Estatísticas Educacionais. **Censo escolar 2013: perfil da docência no ensino médio regular.** Brasília, DF: INEP, 2015.

FEIJÓ, Fernanda. Breve histórico do desenvolvimento do ensino de Sociologia no Brasil. **PerCursos**, v. 13, n. 1, p. 133-153, 2012.

FERNANDES, Florestan. O Ensino de Sociologia na Escola Secundária Brasileira. In: **Anais**, I Congresso Brasileiro de Sociologia. São Paulo-SP, 21 a 27 de junho, 1954.

FLIGSTEIN, Neil. Habilidade social e a teoria dos campos. **RAE**, FGV, v. 47, n. 2, p. 61-80, 2007.



GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GRANOVETTER, Mark. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. **RAE-eletrônica**, FGV, v. 6, n. 1, Art. 9, jan./jun. 2007.

GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca. As orientações curriculares nacionais, a formação dos professores e as licenciaturas em Ciências Sociais. In: MIRHAN, Lejeune (Org.). **Sociologia no Ensino Médio**: desafios e perspectivas. São Paulo: Ed. Anita Garibaldi, 2015.

HANDEFAS, Anita. O ensino de Sociologia e a pesquisa acadêmica. In: BRUNETTA, A. A.; BODART, C. N.; CIGALES, M. P. **Dicionário do Ensino de Sociologia**. Maceió-AL: Editora Café com Sociologia, 2020.

IANNI, Octávio. O ensino das ciências sociais no 1º e 2º graus. Palestra de 1985. **Cad. Cedes**. Campinas, vol. 31, n. 85, p. 327-339, 2011.

LAHIRE, Bernard. Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da sociologia? **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v. 45, n. 1, pp. 45-61, 2014.

MAÇAIRA, Júlia Polessa. O ensino de Sociologia e o livro didático. In: BRUNETTA, A. A.; BODART, C. N.; CIGALES, M. P (Orgs). **Dicionário do Ensino de Sociologia**. Maceió: Café com Sociologia, 2020.

MARTINS, Heloisa Helena T. S. Os cursos de licenciatura e a formação de professores de Sociologia para o ensino médio. IN: SILVA, Ileizi Fiorelli; GONÇALVES, Danyelle Nilin (Orgs.). **A Sociologia na educação básica**. São Paulo: Annablume, 2017.

MEIRELLES, Mauro; MOCELIN, Daniel Gustavo; RAIZER, Leandro. O ensino de sociologia na educação básica: sobre deuses pagãos, fetiches acadêmicos e o despertar de uma nova sociologia. IN: MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia; FILHO, Manoel Matias. (Orgs.). **O espaço do sociólogo**: um balanço de trinta anos. Vitória-ES: EDUFES, 2019.

MENDES, Aminata; GOMES, Bruno; MANGO, Felizberto A.; SIGA, Fernando; RÖWER, Joana E. Sentidos e objetivos do ensino de Sociologia na Escola secundária nos países da CPLP. IN: **Anais**. III Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de questões curriculares. Cabo Verde, 6-7 julho, 2017.



MILLS, Charles Wrigth. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MOCELIN, Daniel Gustavo. O currículo pelos professores: práticas de ensino de Sociologia no Ensino Médio em Porto Alegre. **Latitude**, Maceió-AL, v. 15, Edição Especial, p. 62-89, jan., 2021.

MOCELIN, Daniel Gustavo. O ensino de Sociologia e o seu campo. In: BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro. **Dicionário do Ensino de Sociologia**. Maceió-AL: Editora Café com Sociologia, 2020a. pp. 57-62.

MOCELIN, Daniel Gustavo. O ensino de Sociologia e o seu subcampo. In: BRUNETTA, A. A.; BODART, C. N.; CIGALES, M. P. **Dicionário do Ensino de Sociologia**. Maceió-AL: Café com Sociologia, 2020b. pp. 397-401.

MOCELIN, Daniel Gustavo. O campo da sociologia escolar. IN: **19º Congresso Brasileiro de Sociologia**, Florianópolis-SC, 9-12 julho, 2019.

MOCELIN, Daniel G.; RAIZER, Leandro; PEREIRA, Luiza Helena. Expansão, matriz curricular e os desafios dos cursos de especialização em ensino da sociologia no Brasil. IN: SILVA, Ileizi F.; GONÇALVES, Danyelle N. (Orgs.). **A Sociologia na educação básica**. São Paulo: Annablume, 2017.

MOCELIN, Daniel G.; RAIZER, Leandro. Balanço do ENESEB 2015. IN: OLIVEIRA, Amurabi et al. **Conquistas e Resistências do Ensino de Sociologia: ENESEB2019**. Maceió, AL: Café com Sociologia, 2021.

MOCELIN, Daniel Gustavo; RAIZER, Leandro. Ensino da sociologia no RS: histórico da disciplina, formação do professor e finalidade pedagógica. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 2, n. 3, p. 101-127, 2014.

MORAES, Amaury Cesar. Ciência e ideologia na prática dos professores de Sociologia no ensino médio: da neutralidade impossível ao engajamento indesejável, ou seria o inverso? **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 17-38, 2014.

MORAES, Amaury Cesar. O ensino da Sociologia e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM). In: BRUNETTA, Antonio A.; BODART, Cristiano N.; CIGALES, Marcelo P. **Dicionário do Ensino de Sociologia**. Maceió-AL: Editora Café com Sociologia, 2020. pp. 259-264.



MORAES, Amaury Cesar. O ensino de sociologia: mediação entre o que se aprende na universidade e o que se ensina na escola. **Teoria e Cultura**, v. 12, n. 1, p. 21-33, 2017.

MORAES, Amaury C. Ensino de Sociologia: periodização e campanha pela obrigatoriedade. **Cad. Cedes**, v. 31, n. 85, p. 359-382, set/dez. 2011.

MORAES, Amaury Cesar; GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca. Metodologia de ensino de Ciências Sociais: relendo as OCEM-Sociologia. In: MORAES, Amaury C. (Coord.). **Sociologia: ensino médio**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

MOTA, Kelly Cristine C. da S. Os lugares da Sociologia na formação de estudantes do ensino médio: as perspectivas de professores. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 29, pp. 88-107, 2005.

OLIVEIRA, Amurabi. Sentidos e Dilemas do Ensino de Sociologia: Um Olhar Sociológico. **Revista Inter-Legere**, v. 1, n. 9, p.25-39, 2013.

PARMIGIANI, Jacqueline; DOMBROWSKI, Osmir. O alfabetismo sociológico: uma contribuição para o debate sobre o ensino de sociologia. **Tempo da Ciência**, v. 20, n. 40, p. 191-208, 2013.

PEREIRA, Luiza Helena. O ensino de Sociologia e os laboratórios de ensino. In: BRUNETTA, A. A.; BODART, C. N.; CIGALES, M. P. **Dicionário do Ensino de Sociologia**. Maceió-AL: Café com Sociologia, 2020.

PEREIRA, Luiza Helena. A luta dos sociólogos pela obrigatoriedade da Sociologia no Ensino Médio. IN: MEIRELLES, Mauro et al. (Orgs.). **Repensando o lugar da sociologia e o uso das novas tecnologias**. Porto Alegre: Cirkula, 2015.

PEREIRA, Luiza Helena; AMARAL, Jonathan Henriques do. A Sociologia no Ensino Médio em Porto Alegre-RS. **Cient., Ciênc. Human. Educ.**, Londrina, v. 11, n. 1, p. 15-22, Jun, 2010.

PIMENTA, Rosangela Duarte. Ensino e pesquisa: do pedágio ao trânsito livre. In: RAMALHO, José R.; SOUZA, Rozenval de A. (Orgs.). **PIBID: memórias de iniciação à docência**. Campina Grande: Editora UFCG, 2013.

RAIZER, Leandro; CAREGNATO, Célia E.; MOCELIN, Daniel G.; PEREIRA, Thiago I. O Ensino da Disciplina de Sociologia no Brasil: Diagnóstico e Desafios para a Formação de Professores. **Espaço Acadêmico**. Maringá, v.16, n. 190, p.15-26, mar., 2017.



RAIZER, Leandro; MEIRELLES, Mauro; PEREIRA, Thiago Ingrassia. Escolarizar e/ou educar? As perspectivas do ensino de Sociologia na educação básica. **Pensamento Plural**, n. 2, p. 105-123, 2008.

RAIZER, Leandro; MOCELIN, Daniel Gustavo. Concepções político-ideológicas e didático-pedagógicas dos participantes do IV ENASEB. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 5, n. 3, p. 316-329, 2015.

SANTOS, Mário Bispo dos. O PIBID na área de ciências sociais: condições epistemológicas e perspectivas sociológicas. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 2, n. 3, p. 55-79, 2014.

SARANDY, Flávio Marcos Silva. Reflexões acerca do sentido da Sociologia no ensino médio. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá-PR, n. 05, 2001.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. **Das Fronteiras Entre Ciência e Educação Escolar**. Porto Alegre: Cirkula, 2016.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. O ensino das Ciências Sociais/Sociologia no Brasil: histórico e perspectivas. In: MORAES, Amaury Cesar de (Coord.). **Sociologia: ensino médio**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

ZARIAS, Alexandre; MONTEIRO, Allan; PADILHA, Suiany; BARRETO, Túlio Velho. Mestrado profissional de sociologia em rede nacional (PROFSOCIO): ampliando a formação continuada de professores do ensino médio. IN: SILVA, Ileizi F.; GONÇALVES, Danyelle N. (Orgs.). **A Sociologia na educação básica**. São Paulo: Annablume, 2017.